

CARTAS A QUEM OUSA ENSINAR-APRENDER: ARTICULAÇÕES ENTRE PROFESSORALIDADE E EMPATIA ¹

LETTERS TO WHOM DARE TO TEACH-LEARN: ARTICULATIONS BETWEEN PROFESSORALITY AND EMPATHY

Daiane Cardoso Martins ²
Viviane Castro Camozzato ³

RESUMO

O presente artigo tem como sujeito deste estudo uma professora de anos iniciais de uma escola da rede municipal de Bagé, objetivando evidenciar as articulações entre professoralidade e empatia e de que forma afeta ou não a aprendizagem. Identificam-se, ao longo do estudo, as competências e habilidades necessárias para o educador de anos iniciais, bem como analisa-se o significado do diálogo e a sua importância na professoralidade. O estudo foi realizado com base em uma pesquisa de caráter qualitativo. O caminho metodológico precisava ser aberto e, para isso, a produção de cartas possibilita uma escrita mais aberta, tornando-se assim facilitadora no processo de ensino aprendizagem. Com base nas leituras das cartas, pode se observar que a empatia torna o processo de aprendizagem mais significativo e prazeroso. Com esse trabalho, conclui-se que a professora está sempre buscando aprimoramento em seus conhecimentos e trabalha de forma didática e contextualizada.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Empatia. Professoralidade.

ABSTRACT

This article aims at understanding an Elementary School teacher of the municipal school network in Bagé. It is also intended to confirm the relationship between professorality and empathy, as well as how it affects or not the learning process. Competencies and abilities necessary for the Elementary School teacher are identified in this study. Thus, an analysis is carried on the practice of dialog and its importance in the professorality. This study was conducted based on a qualitative research. In that sense, a methodological channel should be open, and this was possible after the production of letters, due to its free writing style, which played a facilitator's role in the process of teaching and learning. After the reading of the letters, it was noticeable that the empathy transforms the learning process into a more meaningful and pleasant one. It was concluded that the referred teacher is always seeking for development and works in a didactical and contextualized way.

¹ Este trabalho é requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, realizado na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), unidade universitária em Bagé/RS, em 2019/1.

² Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). E-mail: daiane.basica@gmail.com

³ Orientadora. Doutora em Educação. Professora adjunta da UERGS. E-mail: viviane-camozzato@uergs.edu.br

Key-words: Empathy. Professorality. Learning.

1 INTRODUÇÃO ⁴

Segundo Rollo May (1996) a empatia é entendida como a capacidade de colocar-se no lugar do outro. Contudo, ela não se trata de algo mágico ou hereditário, mas uma característica que todas as pessoas podem desenvolver, sendo de grande importância no sucesso de profissões que envolvam a necessidade de cuidar do outro.

A nosso ver, o desempenho do professor está intimamente ligado ao processo de empatia. Olhar e procurar compreender o outro, tentar construir a habilidade de ler os sinais dos educandos que, muitas vezes, não são difíceis de ser identificados, por exemplo, parecem ser condições de uma atuação profissional na docência que contribua para um ambiente educacional significativo, que possa favorecer bons resultados na aprendizagem. Em suma, é importante que o professor seja empático, proporcionando aos educandos um ambiente acolhedor.

Ao longo do dia ocorrem muitos processos empáticos, porque na maioria das vezes os indivíduos lidam com familiares, amigos ou pessoas que convivem na sociedade. O interesse inicial em pesquisar sobre empatia e de que forma afeta ou não os educandos no processo ensino aprendizagem, surgiu por observações feitas com algumas professoras no período da caminhada acadêmica.

Entendemos que o professor, ao ser empático no trabalho pedagógico, terá um melhor resultado no quesito qualidade de ensino, bem como será capaz de reconhecer o que a turma necessita, expondo seus anseios, facilitando o processo de aprendizagem de cada aluno.

Considerando o exposto, o presente artigo busca evidenciar as articulações entre professoralidade e empatia a partir de um caso específico, qual seja, a docência da professora Sônia⁵. Para tal, analisamos um conjunto de quatro (4) cartas: a primeira, uma carta da pesquisadora principal deste artigo; a segunda e

⁴ Ao introduzir o percurso da pesquisa que originou este artigo queremos agradecer a professora Claudia Moscarelli Corral, que acompanhou parte do percurso produzido pela acadêmica, uma vez que foi a sua primeira orientadora. A troca de orientação ocorreu devido ao afastamento total da referida professora para os seus estudos de doutorado.

⁵ Precisamos esclarecer, desde o início, que mantivemos os nomes originais das autoras das cartas, seja por termos autorização para tal, seja para, ao nomearmos com os nomes reais, darmos a visibilidade que a Sônia professora merece.

terceiras cartas, de ex-estagiárias da referida docente; por fim, uma quarta carta, esta da própria professora Sônia. Estas cartas foram lidas e trazidas na íntegra para o artigo porque queremos dar a dimensão de “monumento” às mesmas, uma vez que gostaríamos de deixá-las falar por si mesmas a partir de um triplo cruzamento: uma pesquisadora inquieta e encantada com a docência de uma professora (nesse caso, a Sônia), os olhares de duas ex-estagiárias da professora e o olhar da própria Sônia em primeira pessoa, olhando e pensando na sua trajetória.

Ao privilegiarmos essas escritas esperamos agir eticamente ao deixarmos os sujeitos mais falarem do que serem falados. Afinal, a ética é um componente indissociável da docência, da educação e da pedagogia e, por que não afirmar, das articulações possíveis entre professoralidade e empatia.

1.1 EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA E EMPATIA: ARTICULAÇÕES A SEREM PENSADAS

O conceito de educação é bastante amplo e de muitos significados. Para Durkheim (apud Oliveira, 2012, p.1) a educação pode ser compreendida “como processo de socialização pelo qual valores, normas e costumes de uma sociedade são passados de uma geração a outra”. A educação, assim, envolve um processo que permite a transformação dos indivíduos em sujeitos, sendo possibilidade, ao mesmo tempo, de integrá-los a um conjunto social repleto de normas, valores e costumes, como dito pelo autor.

A educação tem relação com um conjunto de saberes e práticas situadas num tempo e espaço específicos, e que dão a possibilidade para que cada ser humano se desenvolva socialmente, transformando-se em pessoas capazes de gerenciar suas faculdades físicas, intelectuais e morais.

Outra teoria bastante interessante é a de Paulo Freire, onde ele acreditava na conectividade, na gestão coletiva do conhecimento a ser socializado de forma ascendente, na medida em que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996).

Importante ressaltar que Freire sofreu inúmeras críticas ao trazer à tona, em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), problematizações contundentes sobre a chamada “educação bancária”. Ou seja, a crítica incisiva à educação tradicional, onde os educandos só recebiam informações “depositadas” nas suas mentes. Para

o referido autor a educação deve ser socializada, compartilhada, e o educador deve levar em consideração as vivências dos alunos.

Freire (1987, p.70) salienta “Que enquanto a prática bancária implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade.” Sendo os educandos, portanto, parte de uma educação como prática da liberdade. O que torna possível que cada um se torne, cada vez mais, reflexivo sobre si e o mundo – mundo esse, aliás, que se altera sempre que novas visões vão sendo reinventadas.

Não se pode esquecer de dizer o quão forte foi o desejo de Paulo Freire para que os educandos construam uma criticidade e autonomia no mundo em que vivem e podem reinventar cotidianamente. Para Fiori (1987, p. 15), nessa direção, “Paulo Freire não inventou o homem; apenas pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade”, cabe destacar, “de re-descobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando...”.

Em relação à pedagogia, ao compreendemos como “uma teoria prática, voltada a realização de fenômeno educativo em contraposição a uma teoria científica voltada ao conhecimento do fato educativo” (Durkheim apud Scheib, 2010, p. 2). Ou seja, quanto maior for o domínio da teoria melhor possibilidade há de que a prática seja qualificada. Isso porque com a pedagogia se terá condições de se ter analisado um conjunto de ações que vão antecipar seu resultado, mostrando inúmeras possibilidades de aprendizagem e conhecimento. Freire (apud Gadotti 2000, p.2) considera a “pedagogia uma ciência transversal”, onde a escola é muito mais do que quatro paredes, muito mais do que uma sala de aula, posto que é algo que ultrapassa os muros escolares, que soma e multiplica saberes, que envolve uma educação multicultural.

Para Freire (1997, p. 25) “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua construção.” Considerando isso, os educandos necessitam manter vivo o gosto por aprender. Aliando, em tal processo, a curiosidade, o estímulo por seus interesses para se contrapuser ao ensino bancário e tornarem-se, assim, sujeitos “rebeldes”, críticos e que não aceitem somente o que lhe seja passado/transmitido. Em suma, sujeitos que busquem se aventurar, conhecer novas

ideias do que está sendo em diálogo e que, por isso, se vejam a partir da noção de inacabamento e construção incessante.

Onde a empatia entra para facilitar esse processo? Falcone (1998) definiu a “empatia como uma habilidade social”, onde o comportamento afetivo ganha grande foco por ser um ato de compaixão e preocupação com o bem-estar das outras pessoas, reconhecendo os pensamentos e sentimentos do outro.

A empatia gera uma habilidade de comunicação, favorecendo os vínculos afetivos e a qualidade das relações interpessoais. O que possibilita, desse modo, uma melhora na qualidade das relações sociais e na resolução de conflitos de interações sociais.

Oferecer às crianças [e aos sujeitos em geral, podemos acrescentar] oportunidades para cuidar e ajudar os outros, segundo Barnett (1992), faz com que as mesmas se sintam capazes de ajudar e aliviar a dor do outro, favorecendo o processo empático. “Observa-se ainda que as crianças tendem a responder de maneira mais empática a pessoas percebidas como semelhantes a elas”, explicita o autor. Nesse sentido, estimular as crianças a compreenderem o outro pode ser favorável ao desenvolvimento e a expressão da empatia.

“A empatia é gerada justamente por uma inclinação afetiva a compartilhar emoções” (Strayer, 1992). Sendo assim, Barnett (1992) afirma que a sensibilidade e a responsabilidade dos educadores favorecem o desenvolvimento da empatia. Freire nos mostra com clareza ao relatar em seu livro um exemplo vivido por ele mesmo, quando ainda era educando tomado por sentimentos inseguros. Percebendo-se menos incapaz que qualquer outro colega de classe, em um dia como qualquer outro, seu professor faria um gesto tão significativo para ele: ao entregar sua prova “re-olhando seu texto balança cabeça sem dizer uma palavra, com um olhar de respeito e admiração” (Freire, 1996, p. 48). O gesto do professor erguia novamente sua confiança, autoestima, a certeza de que todos são capazes. O educador muitas vezes não faz ideia do que seu gesto pode representar na vida do educando, bem como o tamanho e o poder que tem suas atitudes e exemplos.

De acordo com Tacca e Branco (2008), a aprendizagem necessita ter significado para os alunos. O diálogo faz parte de um:

Contexto que se inscrevem importantes questões a respeito dos processos de significação, ou seja, de como as interações sociais que têm lugar no espaço educativo favorecem as trocas do aluno com o objeto do

conhecimento, e permitem ao estudante apropriar-se da cultura acumulada. (TACCA E BRANCO, 2008, p.42).

Portanto, ao demonstrar empatia, o professor coloca-se no lugar dos seus alunos e torna mais fácil a construção do aprendizado significativo e da integração de conhecimento no ambiente escolar, motivando o interesse pelos estudos e facilitando a compreensão dos conteúdos. Nessa direção, sobressai o entendimento de que o processo de comunicação desperta uma relação professor-aluno mais afetiva, fomentando o conhecimento da turma em suas necessidades e anseios nos diferentes fatores que mobilizam a aprendizagem.

2 O PAPEL DA ESCOLA E DO EDUCADOR NO DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA

A escola não é só importante pelo que ensina, mas também pelas relações sociais que oportuniza de integração e aceitação ao novo e muitas vezes desconhecido. Os professores precisam explorar as relações interpessoais entre os alunos, comunidade escolar e gestão da escola, proporcionando a esses alunos aprender a trabalhar em grupo, serem mais solidários e se envolver em projetos que desperte a emoção e suas capacidades de sentir as emoções e as necessidades dos outros.

Segundo Formiga (2012), o professor deve ser consciente de que o seu papel é de facilitador da aprendizagem, onde este deve estar aberto às novas experiências, procurando compreender, de maneira empática, os sentimentos e os problemas de seus alunos, além de tentar levá-los a autorrealização.

Para Freire “o que importa na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto” (1997, p. 50-51), mas, sobretudo, a consciência crítica, a compreensão de valores éticos e morais. Preparar seus alunos para, além de desenvolver habilidades com símbolos e números, desenvolverem-se como seres humanos conscientes, éticos, capazes de compreenderem, criticarem e analisarem a sociedade e as relações humanas.

A empatia dos professores tem, a nosso ver, ligação direta com o desenvolvimento dos estudantes. Afinal, os professores precisam preparar esses alunos para o mundo com todas as dificuldades que eles irão enfrentar. Desenvolver

o pensar, equilibrar as diversas possibilidades que irão aparecer para que estes alunos sejam capazes de tomar suas decisões baseados em relações éticas e conscientes que um cidadão crítico, autônomo e responsável deve ter.

As escolas têm por objetivo acolher e educar os alunos compartilhando com as famílias o processo de formação de maneira integral. Sendo assim, os docentes possuem um importante papel na sociedade, porque são eles que fazem a “ponte” entre a educação e o ensino, construindo e formando educandos, preservando as diversas culturas e identidades, atravessando os muros da escola.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

Importante destacar que a escolha deste artigo é por tratar de uma pesquisa qualitativa que, conforme Minayo (1994) trabalha com o universo de significados, explorando determinados comportamentos. A autora esclarece que

(...) a pesquisa qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos. (MINAYO, 1994, p.21).

Considerando isso, a proposta deste artigo é a de problematizar as articulações entre professoralidade e empatia a partir de uma experiência concreta de uma professora dos anos iniciais da rede municipal de Bagé.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a solicitação de produção de cartas de duas ex-estagiárias da professora em questão, bem como a carta da pesquisadora principal deste artigo (algo possível a partir do entendimento de que não há pesquisa neutra, mas pesquisa interessada, planejada a partir de escolhas que não ensejam e nem almejam uma neutralidade impossível) e uma carta da própria professora Sônia.

Para a escrita das cartas foi solicitado às ex-estagiárias que escrevessem como viam a docência da referida professora, evidenciando qual a participação da professora em suas qualificações e de que forma elas viam suas aulas e sua relação com os alunos. A partir disso, houve a tentativa de articular esses olhares ao olhar da pesquisadora Daiane – e suas motivações para considerar a Sônia professora como foco principal de sua pesquisa –, através da produção de uma carta, bem

como uma carta da Sônia revendo/revisitando a sua constituição e escolhas como docente.

A partir do consentimento da professora em ser sujeito deste estudo, partimos do entendimento de que o caminho metodológico precisava ser aberto, e para isso a produção de cartas era interessante, uma vez que possibilita uma escrita mais aberta e disponível para evidenciar as articulações entre “uma autocriação de transformação vividas entre tensão e harmonia” (Moita, 2007, p.139). Afinal, o próprio foco destas discussões parecia, a nosso ver, exigir um tipo de produção de dados aberto aos modos de olhar, sentir e compreender as articulações entre a professoralidade e a empatia vividas cotidianamente pela professora Sônia.

4 CARTAS À SÔNIA PROFESSORA

4.1 CARTA DA PESQUISADORA PRINCIPAL

Nesta carta falarei sobre a minha caminhada como docente e porque resolvi falar de uma professora em especial.

Falar da minha caminhada acadêmica na constituição como docente é um desafio, sim, porque houve muitos momentos marcantes e significativos. O primeiro deles acho importante salientar que foi conhecer a docência como um docente. Ou seja, descobrir a paixão, ética, comprometimento com que muitos professores atuam. O amor ou, como diz Paulo Freire, a amorosidade. Amorosidade essa pautada pelo diálogo, respeito, pensamento crítico e reflexivo para compreender o outro como sujeito e não como objeto.

Então seria óbvio dizer que foi tudo maravilhoso, mas não. Houve momentos em que os desafios eram muitos: estágios, seminários, apresentações... Isto tudo aliado à falta de empatia de algumas pessoas que encontramos ao longo de nossa caminhada como docentes. Mas calma, até aí também faz parte do processo.

Acreditando que estamos nesta vida para aprender, vou falar uma frase clichê: “o que não é benção é lição”. Seguindo minha caminhada procurei aprender mais sobre a docência. Surgiu a oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), onde pude colocar tudo que estávamos aprendendo em prática, sendo o local onde eu realmente pude exercer o papel de docente. O que eu encontrei no Pibid? Muitas coisas boas e encantadoras. Primeiro eu descobri que sim, podemos por tudo em prática e todo dia aprendemos alguma coisa e também ensinamos outras. O que devemos fazer é sempre estar aberto a essa conexão de quem ensina e aprende ao ensinar, como argumenta Paulo Freire.

Mas gostaria de falar aqui sobre uma pessoa específica. Alguém muito importante na minha caminhada: a Sônia. Um ser humano encantador, repleta de ética, amorosidade e empatia. Alguém que pega na tua mão e diz: “eu já passei por isso, sei bem como é. Vem que vamos caminhar juntas.” Alguém sempre aberta a novas experiências.

Neste período no Pibid ela foi minha supervisora na escola. Não trabalhávamos tão próximas. Eram encontros quinzenais em um grupo de

estudos e semanais na escola, onde exercia meu papel docente tendo contato com a professora Sônia quando nos auxiliava e também revisava nossas aulas. Ela, aliás, sempre com dicas e sugestões sempre muito coerentes. Minha experiência no Pibid não era na turma dela. Portanto, o contato era bem menos do que eu gostaria. Passou-se o tempo e precisei sair do Pibid com muita tristeza no coração, por deixar minha turma e deixar de aprender toda a semana algo novo com alguém sempre disposta a ajudar pelo simples prazer de dividir o que aprendeu e por acreditar, fundamentalmente, que esse é o caminho.

Pois bem passou mais ou menos um ano, precisei organizar uma escola para fazer meu estágio obrigatório e, para minha infelicidade, não pude fazer com a Sônia. Comecei meu estágio em outra escola. As pessoas da coordenação da escola eram ótimas, porém a professora da turma não gostava muito da ideia de uma estagiária em sua sala. Foi um período difícil. Tanto que foi necessário adiar meu estágio.

Após esse episódio entrei em contato com a Sônia e, para minha surpresa, conseguimos organizar e eu pude fazer meu estágio de anos iniciais na turma dela. Foi maravilhoso cada dia. Cada conversa e todas as trocas de experiências foram encantadoras. Não tinha hora. Qualquer hora era hora. Sabe aquele tipo de pessoa que não tem tempo ruim? É ela. Eu tinha certeza que eu tinha muito a aprender. Aprender a ser de fato uma docente responsável, ética, comprometida com o processo e, acima de tudo, humana, corajosa, alguém que sabe a hora de lutar por seus direitos e o que é certo. Sem mais.

É por isso que a professora Sônia é tão especial e torna tão simples e significativo a empatia. Através do desejo inacabado de que sempre podemos mais, de que o que sabemos sempre podemos dividir e unir com outros saberes. Ouvir é uma de suas maiores virtudes. Acolher quando escuta faz com que o outro se sinta à vontade para falar seus anseios. E, aliado a isso, se colocar no lugar do outro o tempo todo para entender sua dor e compreender sua necessidade.

No estágio tive o prazer de trocar experiências com ela e percebi sua capacidade de receber novas propostas sempre que forem significativas. Estava sempre disposta a ajudar não importava a hora. E sempre com muita atenção e carinho. Certamente porque sabe o quanto é difícil as primeiras experiências como educador. A partir dessas experiências tive uma ideia do que é ser um educador no sentido mais amplo da palavra: com competências necessárias para dominar as metodologias e amor para abraçar as vivências e diferenças que o educador enfrenta. (Daiane, junho de 2019).

4.2 CARTAS DE EX-ESTAGIÁRIAS (VANESSA E JAQUELINE)

Ao analisar as cartas da Vanessa e da Jaqueline, que também trabalharam coma Sônia em períodos diferentes, a visão delas não é diferente da exposta na carta anterior. Admiração e amor aparecem como um dos pontos mais fortes. A empatia se destaca no que elas descrevem sobre a Sônia.

4.2.1 Carta da Vanessa

O ser docente... Quando dou início a esta escrita sobre docência vários momentos me vem à memória. Acredito que ser docente envolve inúmeras

habilidades, mas a que mais se destaca, para mim, é ter empatia. Sim, a capacidade de compreender o outro, além de estar sempre se construindo e se desconstruindo.

Pensando nessas habilidades automaticamente me vem à memória a professora Sônia, que conheci há uns seis anos atrás em uma pequena escola da rede Municipal. Naquele momento eu era responsável pelo laboratório de informática daquela escola quando entrou em minha sala uma professora super empolgada para trazer os alunos para utilizarem os computadores, mas que não sabia por onde começar e ali estava pedindo ajuda.

Enquanto a Sônia estava em minha frente falando suas inquietações sobre informática, eu ficava ali parada em frente daquela professora, que não sabia, mas naquele momento a mesma me devolvia a motivação que eu precisava para retornar meus estudos de Pedagogia.

A Sônia, uma professora já com tempo considerável de trabalho, ainda possuía aquele brilho nos olhos. E nas aulas que se seguiram no laboratório de informática, pude perceber o quanto a mesma conhecia seus alunos e o quanto os mesmos a respeitavam.

Uns anos mais tarde nos encontramos novamente, já em outra escola e retomamos nossa parceria, que rendeu trabalhos maravilhosos. Nesta escola, também já no meu final do curso de Pedagogia, tive a honra de ser estagiária dela. E que turma e professora maravilhosa eu encontrei! A sala de aula era simples, mas a Sônia transformou aquele ambiente de tal forma que quando entravam em aula as crianças sentiam-se seguras e empoderadas daquele ambiente, e ajudavam a cuidar e a manter limpo, além de sentirem-se livres para colocar suas dúvidas mesmo que não tivesse a ver com o conteúdo trabalhado.

Enquanto escrevo sobre a Sônia, meus olhos se enchem de lágrimas, pois me sinto feliz por conhecer uma professora como ela, que faz a diferença todos os dias na vida desses alunos, assim como também fez a diferença na vida de pessoas como eu, que hoje sou Pedagoga e tenho a Sônia como referência de ser humano e de profissional. (Vanessa, maio de 2019).

4.2.2 Carta da Jaqueline

Conheci a professora Sônia enquanto fazia parte do programa Pibid. Durante as reuniões sempre a via participando ativamente, contando sobre suas vivências e debatendo diferentes temáticas. Todas as pibidianas mostravam gostar bastante dela e relatavam que a mesma era extremamente parceira na realização de seus projetos.

Depois de algum tempo comecei a fazer Pibid na Escola em que a Sônia atuava e acabei sendo orientada pela própria professora Sônia. Naquele momento pude conhecê-la melhor, entendendo sua proposta de trabalho e sua postura educacional. Esse processo durou dois semestres e durante todo esse período tive total apoio da professora. Ela sempre se reunia conosco perguntando sobre as nossas necessidades e oferecendo apoio caso necessário. Mostrava verdadeira paixão pela docência, animando-se com as propostas que levávamos para sala de aula. Nos dava sugestões, oferecia materiais, criando uma relação de diálogo e apoio mútuo.

A partir disso, quando precisei realizar o estágio dos anos iniciais, pensei em procurá-la. Sabia que se realizasse com a professora Sônia conseguiria desenvolver um trabalho tranquilo e de qualidade. Então entrei em contato com ela e a mesma aceitou rapidamente, inclusive se mostrando empolgada.

O estágio se divide entre observações e práticas e, ao observar a turma pude perceber a relação de respeito mútuo que ali se estabelecia. As crianças mostravam-se participativas e interessadas durante as aulas da

professora. Além disso, fui recebida por elas com muito carinho e algumas até mesmo escreveram cartas para mim. A professora foi comentando sobre sua turma, me explicando como funcionava a rotina das crianças. Ela me deu algumas sugestões e permitiu que eu construísse meu projeto sem muitas restrições. Abraçou a proposta sobre as infâncias, me deixando segura para iniciar a realização prática das aulas.

A parte prática do estágio consiste em 16 encontros e durante todos eles me senti acolhida. A professora Sônia fez com que eu me sentisse à vontade sendo, por vezes, participante nas minhas aulas. Ela sempre me oferecia auxílio. Foi realmente uma parceira durante todo esse processo. Consegui desenvolver uma prática significativa, pois além da turma ser muito boa, tive o apoio e a amizade da professora Sônia. Ela foi crucial durante todo esse processo!

Sempre a admirei e com certeza a admiro mais ainda! Apesar de toda a pressão em realizar o estágio, ela tornou tudo mais leve e divertido. Ela arranca sorrisos por onde passa, pois tem um astral que é contagiante! Minha tensão diminuía cada vez que riamos e conversávamos sobre a docência ou sobre a vida. Sou muito grata por tudo! Sou grata por ela ser essa pessoa tão acolhedora, tão verdadeira e amiga! Uma professora e uma pessoa inigualável!

O trabalho que a mesma vem desenvolvendo ao longo desses anos modificou e segue modificando a vida de muita gente. Basta perguntarmos a sua turma atual. Todas as crianças reconhecem o seu esforço, o seu compromisso e a sua dedicação.

A professora Sônia se destaca onde quer que esteja, pois faz tudo com muito amor. Quando ela brinca com a minha mãe, a questionando "e a nossa filha?", eu me sinto emocionada. Inclusive, ao escrever isso, me emociono! Pode ser só uma brincadeira, mas me toca imensamente.

Ela é uma referência para mim! Uma referência que ultrapassa a sala de aula! É um exemplo de que é possível lutar pelo que se acredita, não importa a circunstância. É lindo o fato que ela nunca deixa de acreditar na educação e nas pessoas! E com certeza, o mundo é muito melhor com o amor que ela semeia por onde anda! (Jaqueline, junho de 2019).

Ao analisar as cartas fica evidente que a professora Sônia é portadora de muitas habilidades, tem domínio de sua turma, acolhe enquanto escuta as oportunidades que nunca se esgotam para ela. É uma professora sempre em busca de novos saberes, além de ser um exemplo para todas que trabalham e convivem com ela. A ética faz parte do seu dia-dia como profere Freire (1996, p. 36) acerca da "decência e boniteza de mãos dadas", e que é inimaginável pensar sequer um educador fora da ética. Esta é a Sônia. Alguém que acredita que ser ético é obrigação, afinal, o educador trabalha com educação e nada mais justo que formar pelo exemplo.

A empatia faz parte deste conjunto de habilidades da Sônia. Acreditamos que a empatia é a peça chave da questão. Afinal, olhar o mundo com os olhos do outro para poder compreender melhor seus sentimentos dão sentido a muitas coisas. A comunicação clara e objetiva com que ela trata todos a sua volta, bem como a

atenção e o carinho com que a Sônia se dirige aos alunos e colegas é uma inspiração.

Freire (1996, p.37) nos inspira a pensar que “É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo.” O respeito ao ser humano é algo evidenciado nos relatos. Amor, respeito, dedicação, postura profissional impecável, apoio, paixão... Há muitos aspectos a serem evidenciados e em todos eles se observam o lado humano de quem busca compreender o outro, alguém que escuta e trata com carinho, respeito e que por isso mesmo está sempre aberta ao diálogo.

5 TRAJETÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA SÔNIA

Sônia é formada no Curso Normal, é pedagoga e pós-graduada em psicopedagogia. Atua na área há mais de trinta e seis anos, e já está aposentada, mas ainda segue trabalhando. Nos primeiros anos do seu trabalho como docente planejava buscando sempre vencer conteúdos, conforme comentou em conversa realizada com a pesquisadora Daiane e, ainda, em sua carta. Este ponto é importante, pois a professora Sônia consegue ver o processo de sua transformação. A inquietação em fazer mais, fazer melhor em matéria de docência sempre a moveu a se deslocar: não bastava ser o que era, provisoriamente, naquele momento. Ela se movia – e continua se movendo – em direção a outra condição de docência.

A partir de conversas com a professora Sônia e com as escritas das cartas, esta seção pretende dar mais visibilidade aos saberes e práticas que compõe a professora como uma profissional que inspira e que, por isso, mobilizou este artigo e as cartas endereçadas a ela. É preciso dizer que a Sônia insiste, permite, ousa ensinar-aprender.

Em uma sociedade tão repleta de desigualdades e desafios, ela ousa ensinar-aprender incessantemente. E talvez seja isso, essa abertura ao novo, ao que inquieta, indaga e produz novas situações de ensino-aprendizagem na própria professora Sônia que a faça ser uma profissional que siga com a marca da ousadia.

Segundo Marques (apud Bolzan, 2006, p.164) “o homem não é, por natureza, o que é ou deseja ser, por isso necessita, ele mesmo, formar-se segundo as exigências do seu ser e do seu tempo”. A professoralidade se constitui, desta forma, em processo de vir a ser. O sujeito aprende pelas potencialidades internas e pelas trocas externas com colegas de profissão que ganham elementos fortes de interação na troca de aprendizagem.

Para Bolzan (apud Isaias e Bolzan, 2005, 2007, p.164), “Trata-se de uma produção particular, não solitária que se constituía partir das redes de relação tecidos nos diferentes contextos profissionais de atuação docente”. A construção do sujeito professor para Corral (2014, p.323) acontece “na prática, que se faz na processualidade e, que cada encontro com o outro se recria e se transforma”. Constituindo, assim, a professoralidade como o ato de tornar-se professor.

O professor tem a oportunidade da experimentação. O espaço da sala de aula proporciona ao professor se desenvolver, experimentar conhecer a si e o outro, como salienta Corral (2014). Trata-se de um processo em construção contínua, que compreende diferentes movimentos e envolve as trajetórias pessoal e profissional, traduzidas pelas peculiaridades de cada professor e de como ele é capaz de interpretar os acontecimentos vividos. (Isaias e Bolzan, 2005a, 2005b).

A construção da professoralidade faz parte de um processo de tornar-se professor, onde sua trajetória é marcada por suas vivências, seu modo de ver e agir nas questões de sua relação com o mundo. Cada professor introduz sua maneira de ser professor baseando-se em sua trajetória de vida e sua relação com os acontecimentos internos.

A carta a seguir é da professora Sônia. A nosso ver, ela mostra exatamente isso: a professoralidade, o ato genuíno e inventivo de tornar-se professor. A procura por seu espaço e o desejo de vencer os obstáculos, de modificar a sua realidade. Em sua carta a Sônia professora nos mostra que sua trajetória não foi fácil, mas cada percurso re-inventado teve muito sentido e deixou tudo mais significativo.

5.1.1 Carta da Sônia professora

<p>Meu desejo é que esta carta sirva como motivação para que avances em tua formação e que conheças um pouco da minha trajetória docente. No ano de 1993 concluí o curso de Magistério e no próximo ano prestei concurso público assumindo uma escola da zona rural de Bagé, onde exerci</p>
--

docência em turma multisseriada (1º ao 5º Ano). Confesso que foi um pouco difícil planejar e ministrar as aulas, organizar os documentos em serviço de secretaria, preparar e servir o lanche, fazer a limpeza da escola, estando sozinha.

As reuniões pedagógicas aconteciam quase sempre mensalmente na Secretaria de Educação e nesse dia os alunos ficavam sem aula. Ocasionalmente recebia visita de um supervisor. O perfil dos alunos era bem característico de escola rural, com idades e vivências diferenciadas. Na realidade eu é que precisei me reinventar e adaptar ao novo meio. Entre tantas memórias que essa experiência me proporcionou certamente a forma carinhosa como era tratada naquele meio é lembrança viva que guardarei sempre comigo.

Após um período na zona rural voltei pra sede (Bagé) e fui lotada em escola de um conjunto habitacional na periferia, onde vivi uma experiência totalmente inversa da anterior. Assumi turma única e numerosa (só que dessa vez havia uma equipe gestora, sendo eu apenas regente); em comunidade com extrema carência. Senti e vivi de perto os reflexos da desigualdade social e da violência nos ambientes familiar e escolar. Encontrei alunos com defasagem na relação idade/ano escolar, pois na turma estavam idades entre 8 a 16 anos, famílias presentes (quase sempre daqueles alunos sem grandes dificuldades de aprendizagem e socialização) e famílias totalmente ausentes (como ainda hoje). A escola era alvo frequente de depredação, com pichações, invasões e roubos e nos arredores da mesma falava-se muito no consumo e vendas de drogas. Certamente toda essa realidade me fez planejar ações e metodologias que despertassem nos alunos o desejo de ir e permanecer na escola e, acima de tudo aprender, pois vindo de uma escola onde minha maior preocupação era focar no desenvolvimento de conteúdos, tendo alunos ouvintes, deparei-me então com alunos desmotivados, sem demonstrarem atitudes de afeto próprio e nem com o outro, sem cumprimento de regras e combinados. Sendo assim, foquei meu planejamento procurando, sempre que possível, contemplar pontos de interesse dos mesmos, como a música, dança, teatro e atividades esportivas, valorizando sempre as relações e a socialização.

A tarefa não foi fácil. Por muitas vezes saí desanimada, mas no dia seguinte, no outro e no outro estava lá, recomeçando tudo. Sabes o que aprendi? Que podemos ser indiferentes ou fazer a diferença. Eu fiz a diferença. E hoje, exatamente no ano de 2019, tenho como colega de escola uma ex-aluna daquela escola. Não lembro se daquela turma (ela também não lembra), o que lembro muito bem é que sua mãe sempre me dizia: "Obrigada, professora".

Após sete anos entrei para a universidade e fui cursar Pedagogia. O universo do conhecimento tomou conta da minha prática. Não só o conhecimento da teoria acadêmica (fundamental para qualificar a prática), como também as trocas de experiências durante os debates, os embasamentos teóricos que os estudos acadêmicos nos proporcionam e que nos motivam a estar sempre buscando a formação continuada. Concluí a graduação e, logo após, cursei Psicopedagogia, o que me proporcionou ampliar estudos referentes aos processos e relações entre o ensinar e aprender, dificuldades e avanços dos alunos.

Como mudei de residência fui para outra escola e, depois, pelo mesmo motivo, para outra, trabalhando sempre em turmas de alfabetização. A cada início de ano e com cada nova turma que recebo, lembro sempre da turma daquela comunidade, com a qual aprendi que a escola deve ser um lugar para todos, com diálogo interessante e motivador. Lugar de aprendizagens, sim, mas também lugar de cidadania. Combinados, direitos e deveres, amizades e parcerias, trocas. A escola deve ser um lugar de todos e para todos. Um lugar que desperte nas crianças vontade de ir, ficar e voltar. É assim que eu vejo, penso e vivo a escola. (Sônia, junho de 2019).

Ao ler a carta da Sônia percebemos que a prática docente dela é aliada ao processo de construir-se professor. De ver-se incompleta, inconclusa e, portanto, aberta a buscar aprender com as dificuldades. Tem a ver com se sentir incansável, buscar mais conhecimento porque mesmo após trinta seis anos de magistério a professora ainda busca maneiras e formas de surpreender os estudantes. É, aliás, esse olhar humano empático e crítico e que faz dela uma excelente profissional. Alguém que, de fato, ousa ensinar-aprender. Alguém que articula professoralidade e empatia. Alguém que inquieta, inspira, mobiliza o que há de melhor em cada um de nós.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A empatia é fundamental para o convívio em uma sociedade ela desenvolve diversas habilidades no ser humano, compaixão, respeito, amizade, as práticas educativas tem melhores resultados quando se trabalha com empatia quando o educador coloca-se no lugar de seus educandos para responder suas inquietações.

Ao realizar pesquisa verificou-se entre os dados encontrados o quanto a empatia toca sim seus alunos, tornando-se assim um facilitador na aprendizagem. Permitindo-se assim que os objetivos da pesquisa fossem respondidos.

As cartas abertas se mostraram suficientes para responder as dúvidas existentes nesta relação. Para mais também foi evidenciado que as cartas mostram uma admiração, respeito e carinho para com a professora em questão, e tudo isso só foi possível porque a professora trabalha com seus alunos e estagiárias com empatia, se colocando sempre no lugar do outro, sempre junto para ajudar a responder seus anseios, com dicas e ideias de como fazer e melhorar ainda mais sua caminhada docente.

Dada à importância do assunto, torna-se necessária a pesquisa para um melhor rendimento professor aluno, tornando-se assim importante o fato de o professor buscar formas de colocar-se no lugar do outro para compreender melhor essa aprendizagem significativa, tornando assim o processo significativo.

Nesse sentido, a utilização da pesquisa buscou trazer a seus leitores um breve esclarecimento sobre empatia, e como ela pode auxiliar os professores a

entenderem melhor suas turmas e colegas, colocando-se a disposição para responder seus anseios e buscar juntos uma resolução, afinal todos já passaram por problemas iguais ou semelhantes. Além disso, os professores estão sempre buscando formas para melhor ajudar seus alunos a se desenvolverem com autonomia e empatia, tornando-se seres humanos melhores com mais amor e compreensão, fazendo parte da caminhada da formação de sujeitos protagonistas da própria história.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 97, jul./dez. 2013.
- BOLZAN, Doris Pires Vargas; POWACZUK, Ana Carla Hollweg. **Docência universitária: a construção da professoralidade.** 2017. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/660> Acesso em: 12 abr. 2019.
- BRANCO, Angela Uchoa; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa. **Processos de significação na relação professor-alunos: uma perspectiva sociocultural construtivista.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/05.pdf> Acesso em: 30 out. 2018.
- BROLEZZI, Antonio Carlos. **Empatia em Vygotsky.** Disponível em: <http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2017/09/empatiaemvygotski.pdf> Acesso em: 30 out. 2018.
- CORRAL, Claudia Moscarelli. **A Ética e a Estética da Professoralidade.** In: AZEVEDO, G.(org.) Práticas e Vivências na formação docente no PEFPD/PARFOR na UERGS em Cruz Alta. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FORMIGA, Nilton Soares. **Os estudos sobre empatia: reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas.** Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0639.pdf> Acesso em: 31 out. 2018.
- GADOTTI, Moacir. **Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação.** 2000. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/2999/FPF_PTPF_01_0366.pdf Acesso em: 26 jun. 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa - 4. ed.** São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf Acesso em: 29 out. 2018.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india Acesso em: 16 jun. 2019.

MAY, Rollo. **A arte do aconselhamento psicológico**. A empatia - chave para o processo do aconselhamento. 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3993044/mod_resource/content/1/A%20arte%20de%20aconselhamento%20psicologico_RolloMay.pdf Acesso em: 12 nov. 2018.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de transformação**. In: NÓVOA, Antonio (Org.). Vida de professores. Portugal: Porto Editora, 2007.

MOTTA, Danielle da Cunha; FALCONE, Eliane Mary de Oliveira; CLARK, Cynthia; MANHAES, Alex. Psicologia em estudo (online). **Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças**. 2006. vol. 11, n.3, pp.523-532. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722006000300008&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 26 jun. 2019.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza. **Teoria método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.